Valor ECONÔMICO | Eu &

Em luta por igualdade na academia, filósofas vivem sua primavera

Em cenário frutífero para cursos e livros dedicados a pensadoras, luta por igualdade entre mulheres e homens movimenta academia

Por Helena Celestino — Para o Valor do Rio

14/08/2020 05h02 · Atualizado há 6 horas

"Djamila Ribeiro [foto] e Sueli Carneiro foram reconhecidas, mas não a partir da academia. Tiveram de percorrer um trabalho paralelo", diz Halina Leal — Foto: Marcos Alves/Agência O Globo

Elas são as novas "Guerrilla Girls". Amanda, Natasha, Carla, Halina, Silvana, Rita, Carolina, Yara e Susana, todas doutoras pós-

graduadas e decididas a revolucionar a história da filosofia, ainda vista na academia como um panteão onde só cabem homens solitários e reclusos. Como as "Guerrilla Girls" do grupo espanhol que partiu para a briga com o mercado de arte e botou no centro do quadro as mulheres artistas, as pensadoras brasileiras estão dinamitando o cânone para resgatar as suas antecessoras, silenciadas em séculos passados, e forçar o reconhecimento dos temas dos feminismos como filosofia, o mais nobre segmento das ciências humanas.

Elas ainda não tiveram reconhecimento igual ao da sambista Teresa Cristina, a rainha das "lives" da quarentena, mas demonstraram que a filosofia feita por mulheres é pop. "As Pensadoras", curso lançado no auge do confinamento, teve rapidamente esgotados os 600 lugares das três salas de Zoom com as turmas formadas para, duas vezes por semana, dedicarem três horas ao estudo de Judith Butler e a biopolítica; Lélia Gonzalez e o feminismo negro; Vandana Shiva e o ecofeminismo, entre outras nove estrelas do pensamento contemporâneo.

ADVERTISING

Ads by Teads

Em agosto, começaram as aulas sobre as "Pensadoras Negras", com mais três turmas de 250 alunos cada uma, todas completamente fechadas. O inesperado sucesso já levou à criação do Instituto Pensadoras e a uma agenda de cursos até o fim do ano. Durante as aulas, conectadas de vários Estados do país, alunas mandavam comentários do tipo "Jamais consegui

estudar essas filósofas na universidade, era isso que queria". O mesmo ocorreu com Ética e Filosofia no Tempo do Agora, que em poucas horas preencheu as suas 350 vagas e terá uma segunda edição a partir do dia 17.

'As universidades precisam se atualizar', diz Rita de Cássia Fraga, do Instituto Pensadoras — Foto: Reprodução do YouTube

"Isso mostra como é algo pulsante. As universidades precisam se atualizar", diz a doutora Rita de Cássia Fraga, professora da Universidade Federal do Amazonas e criadora do curso e do instituto, a ser tocado por um coletivo de 20 filósofas de universidades variadas.

Surpresa? O "Pequeno Manual Antirracista" (Companhia das Letras), da filósofa Djamila Ribeiro, chegou ao topo da lista dos mais vendidos entre os livros de não ficção, na semana de 1º a 7 de abril, segundo a lista da Nielsen-PublishNews. Também fizeram sucesso os três livros da coleção "Pensamento Feminista", coordenada pela professora Heloisa Buarque de Hollanda e editada pela Bazar do Tempo. "O quarto está chegando", anuncia.

Ao voltar de um período de estudos na Columbia University de Nova York nos anos 1980, Heloisa já tentara, sem sucesso, criar um curso de estudos de gênero na universidade, inspirada pelos muitos currículos com a disciplina em lugar de destaque nos EUA e na Europa. “Ao contrário da experiência brasileira, no panorama internacional os ‘women’s studies’ tiveram grande impacto na filosofia, na literatura, nas artes... Trouxeram complexidade e protagonismo para o pensamento norte-americano e europeu nos anos 70/80”, escreve Heloisa na introdução de um dos livros.

A pesquisadora Nastassja Pugliese coordena o blog Mulheres na História da Filosofia — Foto: Reprodução do YouTube

De lá para cá, a explosão dos feminismos criou aqui também um campo próprio do saber voltado para as pesquisas sobre a mulher, em sua maioria ligadas às areas de ciências sociais, história e literatura, com predominância das vozes das negras. A filosofia manteve-se à parte desses movimentos feministas que transitam entre a universidade, a militância e a política.

Até que, em 2016, num primeiro ato de insubordinação ao cânone, foi criado - por proposta da professora Suzana Castro, da

Universidade Federal do Rio de Janeiro - um grupo de trabalho sobre filosofia e gênero na reunião da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (Anpof).

Em 2018, a ala mais conservadora contra-atacou, e só homens participavam da mesa do congresso. “Nos rebelamos, organizamos uma noite em homenagem a todas as professoras de filosofia vivas e, no dia seguinte, ocupamos o palco”, conta Carla Rodrigues, doutora e professora de ética na graduação e pesquisadora de gênero, raça e “colonialidade”, uma linha recém-criada na pós-graduação da UFRJ.

Como um rastilho de pólvora, espalharam-se por faculdades do país grupos, laboratórios e centros de pesquisas em torno do saber delas contado por elas. Formou-se a Rede de Filósofas, em que elas divulgam seus trabalhos, participam de fóruns, debates, publicam posts em redes sociais e, a partir deste ano, terão premiadas as melhores dissertações e teses feitas por elas - aí incluídas as pessoas transexuais.

Exemplos de subversão ao pensamento dominante são ainda o GT História das Mulheres na Filosofia, ligado também à Anpof, e o blog científico Mulheres na Filosofia, da Unicamp, ambos com a ambição de resgatar o trabalho de pensadoras esquecidas ou injustiçadas. “Foi aí que começou a nossa primavera filosófica”, diz Juliana Aggio, doutora da Universidade Federal da Bahia e secretária da Rede de Filósofas.

Tudo é muito recente e só agora ganha visibilidade. Halina Leal, com pós-doutorado em filosofia da ciência pela Universidade Federal de Santa Catarina, é parte desse movimento contra o silenciamento e, no dia a dia, constata as dificuldades para ter seu pensamento validado: ela é a única mulher na Faculdade São Luiz, Brusque, e a única negra entre as pensadoras da rede.

“Além de gênero, investigo raça. O protagonismo negro é uma resistência que está aí. Mas, na filosofia, busco pares para esse debate e ainda não encontrei - nem na rede”, diz. Antes de Halina ter essa experiência, a historiadora Maria Beatriz Nascimento

(1942-1995), com um trabalho minucioso sobre quilombos, e a antropóloga Lélia Gonzalez (1935-1994) já tinham teorizado sobre o não lugar da mulher negra, sobretudo na filosofia. “Djamila Ribeiro e Sueli Carneiro foram reconhecidas, mas não a partir da academia. Tiveram de percorrer um trabalho paralelo”, diz Halina.

Incluir as pensadoras negras é uma das missões do blog da Unicamp. A ideia é transformar em enciclopédia os verbetes em fase de construção, com nomes conhecidos ou completamente esquecidos. Por exemplo, a francesa Simone de Beauvoir (1908-1986), reverenciada no mundo inteiro, mas até hoje muitas vezes considerada “só” uma escritora ou ativista pela academia no Brasil. A cada vez que alguém faz uma tese sobre ela, precisa justificar para a banca ou instituições financiadoras por que considera a autora do “Segundo Sexo” (1949) uma filósofa. Aconteceu com a dissertação de mestrado de Djamila Ribeiro na Universidade Federal de São Paulo, em 2015, um marco porque foi um dos primeiros trabalhos na filosofia sobre a francesa, e voltou a acontecer no ano passado com Nathan Teixeira, filósofo que se formou na UFRJ, apesar de ele ter se concentrado nos textos filosóficos da escritora ao defender a tese sobre a moral e a ambiguidade em Beauvoir.

No entanto, foi exatamente ela quem abriu a discussão de como o conceito filosófico de humano só se referia, na verdade, aos homens; as mulheres não eram representadas, relembra Carla. “A filosofia é uma área exclusivamente teórica, um campo de saber apenas conceitual, por isso, ela sempre trabalhou com um conceito geral, de humano. Só depois da guerra começa a crítica de que esse conceito não dá conta da diferença entre homens e mulheres”, diz

No cânone filosófico da academia brasileira entra uma única mulher, Hannah Arendt (1906-1975), ainda assim, muitas vezes lembrada como a amante do filósofo alemão Martin Heidegger (1889-1976). “A vida privada delas sempre é colocada na conversa, talvez por isso muitas fizeram da biografia um elemento para narrar a sua formação como pensadora e a dificuldade que passam para serem ouvidas”, afirma Silvana de

Souza Ramos, professora de filosofia política da Universidade de São Paulo e coordenadora do GT Filosofia e Gênero da Anpof.

"Eu estudo Maurice Merleau-Ponty [1908-1961], e ele formava um trio com Jean-Paul Sartre [1905-1980] e Simone. Nunca vi estudos ou artigos importantes com a influência de Beauvoir sobre os outros dois, mas todos veem o uso que ela fez das teorias de Merleau-Ponty. É como se ela ficasse só anotando as ideias dos homens", diz.

No mergulho na história para resgatar filósofas esquecidas, aparecem pensadoras audazes, vanguardistas e defensoras dos direitos das mulheres em tempos tão distantes como os séculos XVI, XVII e XVIII. Uma delas, a inglesa Anne Conway (1631-1679), fluente em latim, grego e hebraico, escreve uma obra com o objetivo declarado de "consertar os erros" de René Descartes (1596-1650), Baruch Spinoza (1632-1677) e Thomas Hobbes (1588-1679), todos seus contemporâneos.

"Ela vem com uma afirmação forte. Era uma das Platonistas de Cambridge, um círculo intelectual da época, mas jamais pôde cursar a universidade porque era mulher. Seu livro 'Os Princípios da Filosofia Mais Antiga e Moderna', um tratado sobre alma, paixão e emoção, foi uma forte influência para Gottfried Leibniz [1646-1716, filósofo e matemático]", diz Nastassja Pugliese, pesquisadora no programa de Lógica e Metafísica no Departamento de Filosofia da UFRJ e uma das três coordenadoras do blog Mulheres na História da Filosofia.

Do passado, surgem também Mary Wollstonecraft (1759-1797), inglesa do século XVIII que refuta a tese de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) sobre a educação de mulheres voltada para servir e agradar o homem. É também o caso de Marie de Gournay (1565-1645), autodidata francesa, antes conhecida como editora de Michel de Montaigne (1533-1592) e, após pesquisas em seus manuscritos, considerada uma das primeiras filósofas a defender a igualdade entre mulheres e homens.

Do Brasil do século XIX, resgatou-se Nísia Floresta (1810-1885),

nascida no Rio Grande do Norte, com mais de 30 livros publicados, e um colégio chamado Augusta, fundado na Praça XV do Rio, com um currículo revolucionário, em que as mulheres seguiam as matérias tradicionalmente ensinadas aos homens.

"Qual é a contribuição dos homens na exclusão intencional das mulheres na história da filosofia? É um trabalho coletivo trazer a voz das mulheres para que não seja reproduzida a narrativa hegemônica e falsa de que filosofia é uma disciplina feita por homens para homens", diz Nastassja, pesquisadora dos séculos XVII e XVIII na Europa e do século XIX, no Brasil.

O compromisso de rever as práticas acadêmicas une as filósofas. Elas defendem a valorização da voz das mulheres nos cursos e a inclusão delas em conferências e debates. A grande iniciativa para popularizar a filosofia no Brasil, a coleção "Os Pensadores" (com 56 livros cujas primeiras edições datam de 1970) não inclui uma única mulher - apenas um texto de Hannah Arendt. As bibliografias recomendadas seguem a mesma linha, são formadas por homens. "Por exemplo, ao estudar Platão, podemos ler vários livros escritos por homens e mulheres sobre ele. Mas as mulheres comentadoras não aparecem nas bibliografias. No departamento de filosofia da USP, o mais importante do país, são 34 professores e só duas mulheres", lembra Silvana.

As "Guerrilla Girls" estão envolvidas em uma outra frente de batalha: a luta por direitos para as alunas e professoras. Uma pesquisa quantitativa feita pela doutora Carolina Araujo, da UFRJ, mostrou que as mulheres são 28% na graduação, mas no topo da carreira não passam de 18%, são apenas cerca de 300 dando aula na pós-graduação - o levantamento constatou que elas têm 2,5 menos chances de chegar aos postos de maior prestígio.

"Fora isso, as alunas relatam assédio moral e sexual nas salas de aulas. Há constrangimentos em classe, chacotas e 'bullying' desconsiderando a nossa capacidade de pensar", afirma Juliana Aggio.

Todas têm histórias de discriminação e machismo para relembrar. Elas contam que suas alunas sempre começam as falas pedindo desculpas, como se não tivessem certeza de que mulheres podem ter pensamento abstrato e serem filósofas. “Esse estereótipo pesa nas mulheres de uma maneira muda e silenciosa. É como se tivéssemos despertado para a ideia de que a desigualdade é crônica na filosofia, como se estivéssemos vivendo episódios de discriminação que as outras viveram nos anos 70 e 80. A gente sempre viveu e agora está denunciando”, diz Carla.

As novas ações das “Guerrilla Girls” são um dossiê de 600 páginas só com filósofas a ser publicado na USP e vídeos da UFRJ com “mulheres que leem mulheres”. Do Instituto Pensadoras, vêm aí os cursos “Mulher e Direito”, “As Pensadoras 2” e “Pensadoras Latinas”. E o reforço no compromisso de manter trabalho de resgate do passado, para tirar do anonimato obras não assinadas, já que essa era uma tática usada pelas mulheres para ter voz pública. “A política do governo Bolsonaro teve um efeito positivo às avessas: a nossa indignação nos fez mais solidárias”, diz Juliana.

Conteúdo Publicitário Links patrocinados **por taboola**

LINK PATROCINADO
Grelhe seus alimentos no fogão sem fumaça!
DESCONTALIA

LINK PATROCINADO
Cardiologista do Brasil: Pare de comer esses 3 alimentos imediatamente
VITAL 4K

LINK PATROCINADO
Primeira parcela só para março de 2021!
MERCEDES-BENZ VANS

LINK PATROCINADO
Saiba como pessoas de Rio De Janeiro cuidam da saúde emocional sem sair de casa. Faça terapia online
ZENKLUB

LINK PATROCINADO
Plano funerário com cobertura nacional a partir de R$75/mês

AMAR ASSIST

LINK PATROCINADO

Veja aqui o tamanho da fortuna de Ronaldo

DOCTOR REPORT

Leia em Valor Investe

VALOR INVESTE

Bolsonaro faz exames em hospital de São Paulo e segue para Brasília

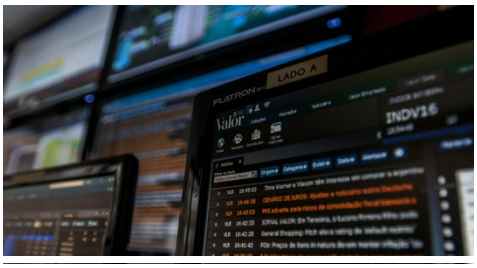
VALOR INVESTE

Mesmo sem preferência, teles disputarão ativo da Oi

VALOR INVESTE

Pazuello faz ressalvas à vacina russa e diz que a da Astrazeneca e Oxford 'ainda é melhor opção'

Mais do Valor **Econômico**



Ibovespa opera em alta na abertura dos negócios

Questão fiscal segue no radar dos investidores

14/08/2020 10:57 — Em Finanças

Celso de Mello vota pela exclusão do ISS do cálculo do PIS e da Cofins

Para ministro, as discussões do ICMS e do ISS são iguais

14/08/2020 10:56 — Em Legislação

Espanha fecha bares e casas noturnas para combater novo surto de covid-19

Espanhóis devem ainda limitar seus encontros sociais ao grupo mais próximo de convivência e não organizar eventos com mais de 10 pessoas

14/08/2020 10:56 — Em Mundo

JBS retoma processo para listar ações nos EUA, mas operação não será em 2020

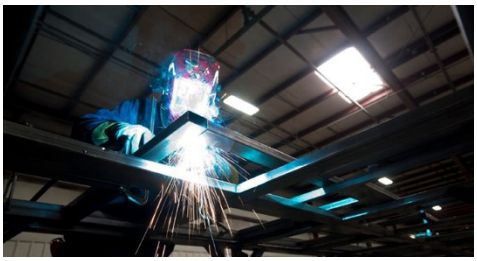
Objetivo da empresa é listar suas operações internacionais em uma bolsa americana

14/08/2020 10:55 — Em Agronegócios

Acordo entre Israel e Emirados Árabes aumenta pressão sobre Arábia Saudita

O acordo diplomático também afeta a rivalidade entre Arábia Saudita e Irã

14/08/2020 10:54 — Em Mundo



Produção industrial dos EUA sobe 3% em julho e supera projeções

Apesar da alta, indústria americana ainda está 8,4% abaixo do nível pré-pandemia, em fevereiro

14/08/2020 10:50 — Em Mundo

VEJA MAIS